

O PROBLEMA DO NOME CEARÁ RESOLVIDO

Guarino Alves D'Oliveira

NOTA PRÉVIA

O rio Ceará-Mirim, no Estado do Rio Grande do Norte, tem suas cabeceiras nos massapês do Trapiá, a sudoeste de Lajes, penetra no município ceará-mirinese e desemboca no Atlântico, após um curso de 137 quilômetros. De acôrdo com um *relatório* do engenheiro Júlio de Melo Rezende (1), sabemos que 107 quilômetros daquele cômputo correspondem a uma zona granítica. No município de Taipu (Itaipu) o leito é escasso e de pronunciado declive. Já na cidade do Ceará-Mirim, o vale assume aspecto de planície, cuja extensão transversal é de meia légua e média de dois quilômetros. Em 1927, consoante o engenheiro Rezende, a área fértil, desde a Ponte, perto de Estivas, era de 25 km com superfície de 5 000 hectares. Todavia, o setor cultivado não chegava a 1 250 hectares, ou 25% da área cultivável. Da Ponte para o mar, parte mais estreita do vale, corre um canal por entre bosques e mangues, cujas várzeas laterais eram estéreis. A foz do Ceará-Mirim, recifosa, cai em 5.º e 40'S. Aires de Casal, que a denominou de *Genipabu*, nome, na verdade, pertencente à ponta que lhe fica ao sul, dava-lhe duas braças de fundo.

I. — PRIMEIRAS DATAS DE SESMARIA

As concessões de terras no Rio Grande do Norte tiveram início em 1600, na administração de João Rodrigues Colaço, com uma "data" escolhida ao longo do rio Potengi, continuando tempos afora, nos governos de Jerônimo de Albuquerque, Lourenço Peixoto Cirne e Francisco Caldeira de Castelo Branco — 1614. Todavia, como não houvessem obedecido às exigências regulamentares da Fazenda del-Rei, foi determinada, em *Provisão* de Sua Majestade, de 28 de setembro de 1612, nova repartição das terras. Em 1614 dirigiram-se ao Rio Grande do Norte, em diligência oficial, Alexandre

de Moura e o desembargador Manoel Pinto da Rocha, ambos de Pernambuco, para anular aquelas "datas" de sesmaria, riscando-as dos livros onde estivessem registradas.

Ora, justamente naquele espaço de várzea sáfara cearãmiriense, confinante com o mar, onde, ainda hoje, prepondera o *prado salgado*, segundo a terminologia seiscentista, existiam onze propriedades, concedidas entre 1602 a 1613, de acôrdo com o *Treslado do Auto ou Deligencias que se fizerão Sôbre as datas de terras de capitania do Ryo Grande, que se tinham dada*, feito na cidade do Natal, a 25 de fevereiro de 1614, com fecho em Olinda, a 28 de maio do mesmo ano:

"40. — A data quarenta deu João Rodrigues Colaço e Afonso Alves, em sete de março de seiscentos e dois. São quinhentas braças em quadra no rio *Seara*, da banda do norte por costa, e outras tantas pelo rio dentro (2). Serve pera rêde de pescar e mantimento. Não se fêz benfeitoria. Deu, posteriormente, por devoluta, a Gregório Domingues, que a vendeu a José do Pôrto. Hoje, não serve mais que pera a pescaria, que nela se faz."

"49. — A data quarenta e nove deu João Rodrigues Colaço a Gregório Domingues, em vinte e cinco de junho de seiscentos e três. É o pôrto de *Seara*, hoje de José do Pôrto, como fica dito no capítulo anterior, número quarenta."

"63. — A data sessenta e três deu Jerônimo de Albuquerque a Braz de Mesquita, em dois de junho de seiscentos e quatro. É de meia légua, na *várzea de Seara*, e começa na bôca do rio Ararou acima, de *Seara* para o norte, e seiscentas braças para o sul. Serve pera mantimento e gado. Não foi feito benfeitoria."

"73. — A data setenta e três deu Jerônimo de Albuquerque a Gaspar Rabelo, em vinte e seis de outubro de seiscentos e quatro. É do rio *Seara* por costa, até a banda do sul, compreendendo a ponta que descobre a Fortaleza. Tem mil e duzentas braças para o sertão. Não serve mais que pera pasto e criações. Há nela uma casa, faz-se pescaria, e haverá três anos que está devoluta."

"82. — A data oitenta e dois deu Jerônimo de Albuquerque a Domingos Alves, em doze de março de seiscentos e cinco. É meia légua quadrada na testada da de Gregório Domingues, pelo *Seara* acima, na banda do sul. Está devoluta e não presta para nada."

"101. — A data cento e humas deu Jerônimo de Albuquerque a Gaspar Rabelo, em vinte e oito de junho de seiscentos e seis. É meia légua quadrada na *várzea de Seara*. Fêz casas e roças. Haverá anos que está devoluta. Presta pera gado."

"102. — A data cento e duas deu Jerônimo de Albuquerque aos padres da *Companhia de Jesús*, em sete de janeiro de seiscentos e sete, a qual sorte de terra começa no rio de Jaguaribe, defronte à cidade e monte de Ubuturapaum, na testada da data de Antônio de Albuquerque. De maneira que posta no mais alto do dito monte, correrá ao Este, até emparelhar com a lagoa. Por-se-á na ilha,

desde o princípio, e testada da data de Manoel Soares, defronte ao lugar que chamam Tijuru, e correrá pelo rumo da ilha três mil braças de dez palmos cada braça, as quais correão pera o Nornordeste, e tomarão seiscentas braças; e daí correrão até o mar salgado, fazendo quadro com o Nornordeste. Portanto, nos limites nomeados estão algumas datas, e não era sua intenção pedir o que estava já dado. Pediam lhe dessem em nome de Sua Majestade, que se pudessem encher, e inteirar nesse número de braças que pediam, e limites que nomearam, na cabeceira donde melhor lhes estivesse, fazendo compreender esta data quatorze léguas dentro nessa data, três pequenas de particulares pela *praia e prado salgado*, duas que têm uma légua. Muitas destas datas dos padres são de *terra inútil e de nenhum proveito*, e muita serve pera *pastos e mantimento*. É *várzea de Seara*, que cai dentro. Desagoando-a dará mui formosos canaviais. Dentro na dita data há um rio de água mui formoso, que agôa a dita várzea, e será muito factível desalagar a várzea e aproveitá-la. Tem outrossim a dita várzea lenha e madeira ordinária. Não se há feito nela benfeitoria, mais que dois currais de vacas, com éguas e quatro escravos de Guiné.'

"106 — A data cento e seis deu Jerônimo de Albuquerque a *Jerônimo d'Athayde*, em vinte e oito de julho de seiscentos e seis. É uma légua quadrada na *várzea de Seara*, pelo rio acima que se chama Huobú, ficando tanto de uma banda como da outra, com o rio em meio. *Tem préstimo pera cana, fruteira e pasto*. Não foi feito até agora benfeitoria. Está devoluta."

"120. — A data cento e vinte deu Jerônimo de Albuquerque a *Francisco Fernandes de Almeida*, em vinte e sete de setembro de seiscentos e sete. São seiscentas braças quadradas, começando onde acaba a de Braz de Mesquita, pera acima, pera a banda de Seara, em o sítio a que chamam Ararohú. É *terra de pouco préstimo*. Está devoluta."

"129. — A data cento e vinte e nove deu Jerônimo de Albuquerque a *Domingos Martins*, em nove de julho de seiscentos e oito. É meia légua de terra, onde se tem o *Senembuoasú* no *Seara*. *piatá*, porém, não cultivou por ser de *pouco préstimo*. Está devoluta."

"162 — A data cento e sessenta e duas deu Jerônimo de Albuquerque a *Afonso Lagarto*, em nove de agosto de seiscentos e dez. É meia-légua de terra, onde se tem o *Senembuoasú* no *Seará*. É terra que não serve senão pera algum *mantimento e pasto*. Não fez benfeitoria. Está devoluta."

"176 — A data cento e setenta e seis deu o Capitão Francisco Caldeira de Castelo Branco e *Beatriz de Paiva*, filha do Alferes Luís Gomes, em quatro de outubro de seiscentos e treze. É uma légua quadrada, na *várzea de Seara*, na testada da terra onde os padres da *Companhia* acabarem. É terra pera *pasto e roça*, e se desalagar servirá pera cana. Ainda não se fez benfeitoria."

Isso quer dizer também que os pioneiros do atual município do Ceará-Mirim, foram, cronologicamente, Afonso Alves, Gregório Domingues, Braz de Mesquita, Gaspar Rabelo Gondim, Domingos Alves, Jerônimo de Athayde, os padres da *Companhia*, Francisco de Almeida, Domingos Martins, Afonso Ferreira Lagarto, e Beatriz de Paiva, filha do Alferes da Fortaleza dos *Três Reis*, Luís Gomes de Paiva.

II — NOME PRIMITIVO DO RIO CEARÁ-MIRIM

O primeiro indivíduo a citar nominalmente o rio Ceará-Mirim foi Gabriel Soares de Sousa, em 1587. Os mapas marítimos, elaborados antes desse ano, registam-no, mas sem designação. No *Roteiro da Costa do Brasil*, diz Soares:

... *De Ytapitanga (Pititinga) al Rio pequeño a que los Yndios llaman Bapique (na verdade, baquipe, texto português) que esta en 5 grados y 1/6 hay 8 leguas (3). En este rio entran Chalupas Francesas a resgatar con los Yndios y cargar Palo de tinta, las quales san delas Naos que se recogen en la Ensenada de Ytapitanga y se perdieron corriendo los Hijos de Juan de Barros esta Costa, y les mataron los Pitiguares con favor de los Franceses inducidos de ellos. El Rio pequeño dista 3 leguas del otro Rio Grande" (4).*

Para os portugueses, o rio se chamava *Pequeno*, que, em tupi, seria *Mirí(m)*; e, para o silvícola, *baquipe* (5). Este nome, porém, combinaria melhor com a própria enseada na ponta de Genipabu. Salvo engano, o vocábulo *baquipe* procede de *baca* = virar, no sentido direcional + *pé*. Em síntese, *baca-pe*. Com a junção resultou a síncope do derradeiro *a* do nome, dando a modulação *bacpe*, e, na pronúncia portuguesa — *baquipe*, significando: “na virada”, isto é, o encurvamento da enseada ao norte daquela ponta de terra, onde emboca o rio Ceará-Mirim. Como no exemplo: *oca* (casa) + *pé* (na) = *oepe*, em que se dá a síncope do último *a*, ou seja “na casa”, pronunciando-se: *oqupe*.

Em suma, o nome SEARA — rio e várzea — apareceu por primeira vez no início da colonização do Rio Grande do Norte — 1602. Nesse caso a designação — PEQUENO, dada ao rio, na era quinhentista — 1587, resultou, sem dúvida possível, de uma imperiosidade geográfica, na base de um antônimo: “*El Rio pequeño dista 3 leguas del otro Rio Grande*”, o Potengi.

III — PRIMEIRAS GRAFIAS CORRUTAS DO NOME SEARA

A palavra *Seara* corrompeu-se muito cedo. Primeiramente, em *Siara*, no ano de 1607 (6); e, no ano imediato, em *Ceará* (7). Em cartografia seiscentista, surge o topônimo com a grafia *Sizrá*, por conseguinte, modificada no *e*, e acentuada, sendo a letra *z* um *a* desfigurado. A carta ou mapa, dessa corrutela, refere a jornada de Pêro Coelho ao Ceará, em 1603, e figura no livro *Rezão de Estado do Brazil*, de 1612, de autoria de Diogo de Campos Moreno. Constam nessa *Descrição do verdadeiro descobrimento* (8) os topônimos cearenses:

“rio Tarari” — “Barreiras” — “r Siope” — “Pirangi” —
“Noua Lxs” — “Forte de São tiago” — *Sizrá* — “P. do
S. Bartolomeu”.

Dessarte, a grafia *Sizrá*, pode muito bem ser de 1612, e não de 1603, já que o mapa, como se presume, é da lavra de Diogo de Campos Moreno.

Posteriormente, ainda em cartografia, mas referindo o Rio Grande do Norte, aparecem estas modulações gráficas:

R. *ciara*, mapa de João Teixeira, 1614 ou 1627.
R. *Seara*, mapa de João Teixeira Albernaz, 1627.
R. *Ceara*, mapa de Albernaz, 1631 (9).

Há um outro aspecto a considerar. Ignora-se quem trasladou o topônimo para a capitania cearense. A nosso ver, a hipótese mais consentânea é para o missionário Francisco Pinto, mas não esqueçamos Martim Soares Moreno, conhecedor, também, da língua tupi, o que melhor explorou aqueles litorais a serviço da autoridade riograndense e, por isso, nomeado por D. Diogo de Meneses, para o posto de tenente substituto da Fortaleza dos *Três Reis Magos*, onde o encontrou, em 1611, o capitão Lourenço Peixoto Cirne.

IV — INTERPRETAÇÕES EM TÔRNO DO NOME “CEARÁ”

Trasladado aquele topônimo potiguar para um dos rios da capitania cearense, e conseqüentemente aparecendo na documentação vetusta as ortografias *ceará*, *seará*, *ciará* e *seara* (10) não tardou alguns estudiosos interpretassem o nome CEARÁ como se tratando de origem tímica.

É o caso, por exemplo, de Th. Sampaio, que, discorrendo sobre o topônimo, encontrou, na modulação *ciará*, a tradução de uma raça de papagaio: “*Ciará* se decompõe em duas partes: *ci ará*, cujo radical *ci* tem várias traduções — mãe, origem, fonte, manancial, rio, — e a terminação *ará* é a denominação comum dos *Psittacus* grandes, dos

papagaios e araras. Portanto, *ci-ará*, guardando a estrutura da frase tupi, se traduziria: *papagaio da fonte ou do rio*, enquanto que *aráy* ou *ará-gi*, e ainda *ará-ci* se traduziria: *rio ou fonte dos papagaios*". Enfim, diz o autor baiano, é "a grafia *ciará*, pela tradição histórica, a mais autêntica". Prevalente essa grafia, retorna o autor, noutro trabalho, assinalando que a palavra *ceará*, aparecida em documentos cearenses de 1608, embora sendo a "*mais antiga, não a consideramos como a mais correta*", — v. n/nota n.º 7, *infra*.

Sobre o assunto, manifestou-se também Cunha Mendes, mas endossando a opinião de Th. Sampaio: "Pensamos, pois, com o ilustre engenheiro que "*Ciará* e não *Ceará* significa ou designa simplesmente uma casta de papagaios e não — *canto da jandaia* como poeticamente se entendeu." Em todo o caso, esperamos ainda da Sociedade de *Etnografia e Civilização dos Índios*, sobretudo de sua comissão de filologia, um pouco de luzes."

O fato é que, dando-se crédito a Ihering, nunca existiu casta de papagaio com o nome *cii*, proposto por Th. Sampaio com base no *Dicionário da Língua Tupi*, de Montoya.

Salientando as denominações de papagaios por espécies, diz H. von Ihering, em resposta à teoria daquele tupinólogo baiano, o seguinte: "Procuramos informações sobre o nome da suposta espécie *Ciará* —, não os encontrei em nenhuma das listas de nomes vulgares dos animais do Brasil, que sucessivamente foram publicadas por Margrave, Martius, padre Fernão Cardim, Luccok, von Ihering e Goeldi. É verdade que Martius, na lista dos nomes geográficos, menciona a hipótese de Milliet, mas, entretanto, não aceita, na lista dos nomes, o nome — *Ciará* — e tampouco o faz Spix, na parte zoológica da respectiva obra, não obstante terem estes naturalistas estudado as aves dos Estados do Rio, da Bahia, do Piauí, do Maranhão e de outros.

Montoya menciona a palavra — *cü* — como referindo-se a uma espécie de papagaios, dando, no vol. 2.º, pág. 124, na edição de Plustzmann, em uma enumeração de papagaios o nome *cuyucuyu cü*. Parece-me, por esta razão, que — *cü* — é sinônimo de *cuyu-cuyu* do gênero *Pionopsittacus*.

Pertencendo a palavra — *cü* —, que provavelmente é de designação onomatopáica, aos grupos dos nomes guaranis, não poderá ser aplicada como explicação de espécies existentes no Ceará".

A vista disso, não existindo o radical *ci* ou pressupostamente *cii*, como determinante de casta de papagaio, pois o nome *ciará* não passa de invencionice, vejamos agora a ortografia *ceará* na hipótese sustentada por João Mendes Júnior: "Sei que há, em alguns documentos, a grafia *Ciará*, principalmente entre os escritores holandeses; sei, porém, que frei Vicente do Salvador, se algumas vezes grafa *Ciará*, outras vezes grafa *Ceará*; sei, finalmente, que, em quase todos os documentos judiciais prevalece a grafia *Ceará*. Ainda no último número da *Revista do Instituto do Ceará*, que me foi gentilmente remetida

pelo Barão de Studart, vejo certidões de títulos de sesmarias, fôlhas de partilha, justificações, em que o tabelião ou escrivão usa sempre da grafia *Ceará*; e êsses documentos são do princípio do século 18º, mas, como nos ensina o Dr. Teodoro Sampaio, mesmo no seu artigo sôbre o nome *Ceará*, — frei Vicente grafa o nome ora *Ciará*, ora *Syara*, ora *Ceará*.

Tôdas as outras interpretações fundam-se em conjecturas e não expõem o fundamento gramatical da composição do nome: a interpretação adotada pelo ilustre mestre Teodoro Sampaio, tem, a meu ver, o defeito de dar às palavras *Cii* e *ará* a mesma denominação. *Cii* é uma espécie de papagaios; *ará* é a denominação comum dos papagaios grandes e araras; é de crer, diz êle, que aí abundassem papagaios. Não é líquido que *ará* seja a denominação comum dos papagaios grandes; mas, dado que o seja, a verdade é que, em tupi, o modo de formar quer os superlativos, quer as locuções de frequência ou de abundância, não é êsse de unir a espécie ao gênero, ou o indivíduo à espécie. Entretanto, a minha interpretação, além de mais natural, além de mais acorde com os fatos, além de mais fonográfica, parece-me subordinada às regras gramaticais.

A meu ver, o nome *Ceará* assim se explica: *Ce*, servindo de genitivo, para significar o *modo*, isto é, o *modo costumeiro*; e *araá*, significando as moléstias da sêca ou do calor, ou febres”.

A alegativa de que no século XVIII prevaleceu em papéis oficiais a ortografia *Ceará*, não tem grande importância. No século XVII aplica-se com maior insistência, em documentos oficiais, a grafia *Seará*. Enfim, o discutido *araá* não é nome, pois o *a*, assim dobrado, vale por acentuação tônica — *ceará*, acrescido, aliás, desnecessariamente, de sinal diacrítico.

Não existindo, em tupi, grafias *ci* ou *cii* para papagaio, nem *araá* para moléstia do calor, verifiquemos agora o topônimo controverso na grafia *Si*. A êste respeito pronunciou-se Antônio Bezerra, tomando por arrimo aquêle mapa cearense do livro *Rezão de Estado*: “Estudando com mais afinco e insistência mudei de opinião (11) em presença de novos e valiosos documentos que tive a fortuna de examinar e tenho hoje plena certeza de que descobri a origem do nome *Ceará*.

Sizra e não *Ceará* foi a palavra da qual proveio o nome que tem o nosso Estado. *Siará* foi a primeira corrução e depois desta a de *Seará* ou *Ciará* ou *Ceará*. É com êsse nome de *Sizra* que se designa a povoação ou aldeia de indígenas na margem direita do rio então chamado Pirangl, hoje rio *Ceará*, no mapa atribuído a Pêro Coelho de Sousa, apenso ao livro: *Razão do Estado do Brasil*, de Diogo de Campos Moreno, e que é o mais antigo documento que se conhece sôbre o comêço desta capitania.

Sizra, que é paroxítone, rodeada de lugares cujos nomes eram oxítonos, como Alto do Tabapuá, passagem do rio conhecido por Tamanduá, sítios Pereá, Trapiá, Muritlaquá, serras do Juá, do Ca-

mará, enseada do Pará e outros que ainda os conservaram, corrompeu-se para *Seara* e depois para *Seará*, se antes não lhe foi dado o acento tônico na última sílaba por exigência da língua portuguesa, pois que *Sizra* pouco vai para *Siará*".

Ora já vimos que *sizra* exhibe uma letra ilegível, parecendo um *z*, segundo a opinião do Barão de Studart, devendo, porém, ser um *a* — *siara*. Mas o fato é que não podemos dizer ao certo se esta palavra é paroxítona, uma vez que na *Geografia do Ceará*, Studart, ela aparece com sinal tônico — *Sizrá*. Por outro lado, estudando o mapa em questão, concluiu, por seu turno, o ilustre Capistrano de Abreu, que o topônimo controvertido não designa o rio Pirangi, pois este era o Cauípe.

Ainda a respeito do pressuposto radical *Si*, há uma interpretação de João Brígido: "Ceará vem do outro Ceará no Rio Grande do Norte, cujos índios vieram para aqui com os primeiros missionários. A palavra Ceará primitivamente se escrevia *Siará*, que queria dizer — *ciri* claro, para distinguir de outras qualidades de caranguejos". Esta versão guarda parentesco com a de Jacob Rabli, citada na *Memória* de Cândido Mendes: — *Ceará* procede de *Syrac minor*, o rio Ceará-Mirim, forma corruta de *ciri apuá* (!) ou "caranguejo redondo". Note-se, porém, que o judeu alemão interpretou — erradamente — uma grafia já deturpada — *siará mirim*, ou *syrac* (*sirá* ao invés de *siará*) *minor*, que se traduz em *Siará Mirim*, ou Pequeno. Aqui, como se depreende muito bem, *siará* é a várzea, ex-*seara*, e *minor*, classificativo do antigo Rio Pequeno, ou *mirim*. Dessarte, *Seará* Pequeno, por causa do rio, e não em consequência de "Ceará Grande", com relação à capitania cearense. Este último nome, como se verá oportunamente, proveio da vastidão das *terras incultas*. Em suma, o rio foi consequência batismal da várzea que, em 1602, se chamava *seara*. Na mesma época, holandeses escreviam também *syara*, paroxítona. Ora, salta à vista que a tradução *ciri apuá*, de Rabli, está errada, nada tendo a ver com *seara*, no máximo aproximada da grafia corruta *siará*. Demais a mais, a outra hipótese de João Brígido — *ciri ará*, ou "andar para trás", na língua tupi, alusão ao caranguejo, não tem mínimo fundamento.

Deixando à margem os conceitos emitidos pelos insígnis historiógrafos Aires de Casal — *Ciará*, o mesmo que *semo* = cantar forte + *ará* = *periquito*: Milliet de Saint Adolphe, *Ceará*, casta de papagaio; Ulisses Pennafort, *Ceará*, do adjetivo *ceia*, *cetá*, como no sânscrito; *ceia*, *citá*, *citi*, o qual junto a *ará* significa grupo de serras; Senador Pompeu, *cemo* = rio que nasce + *ará* = serra, etc., e por fim o Barão de Studart, *Ceará*, *ce-ará*, fala ou grita o papagaio, e Luís da Câmara Cascudo, *Ce-ará*, fala ou canta o papagaio, e *mirim*, diminutivo, veja-se o ponto de vista de Paulino Nogueira: "Ceará compõe-se de dois vocábulos da língua geral — *çôo*, *sôo* ou *suu*, caça, de *ará*, tempo, e da partícula pospositiva *á*, com que o indígena dava mais força à expressão, significativa de um sentimento ou convic-

ção forte, fora do comum, querendo dizer — *verdadeiro tempo de caça!*

A ortografia *Siará*, usada primitivamente, ainda mais corrobora esta interpretação que dá *caça* na versão indígena, tanto que com ç (çoo), como com s (sôo ou suu), e às vezes se encontra corrompida, em *si*, como *Siupé*, outras em *su*, como *Sucatinga*. Em *Ceará* encontra-se a princípio corrompido em *si*, depois em *ce*, como atualmente”.

Pelo visto, o topônimo original seria *çôoará* + *á* = *cearaá!* É inútil, pois, persistir na tecla tupinológica. Deixemos essas inoquidades, para fazer uma pergunta: *Ceará* é nome tapuío? Em 1888 escreveu Capistrano de Abreu curioso trabalho, dizendo que o vocábulo procederia da língua cariri, ou seja de *dzú* e de *ará* o “rio verde”. Nesse caso, a nosso ver a palavra não é propriamente cariri, mas híbrida, pois, *ará*, e nunca *araá*, é tímica e tem vários significados. Ademais, não sabemos de nenhum *rio verde* na costa cearense e muito menos no Rio Grande do Norte, nem o designa a cartografia quinhento-seiscentista. (12). Criticando o ponto de vista de Capistrano, aduziu, por exemplo, Th. Pompeu Sobrinho, também autor de engenhosas versões tímicas do nome *Ceará*: verde e amarelo, em cariri, correspondem a *erã*, e não a *ará*. Por outro lado, o *u* de *dzú* não sôa a francesa como propôs Capistrano de Abreu. A vista disso, concluiu Pompeu, o vocábulo correto é *dzú cruera*, “do mesmo ra. Evidentemente, nenhuma dessas palavras exprime o sentido modo que diríamos: *dzú cruyé*, água grande, *dzú cruné*, água verdadeira do topônimo *ceará*.

V — SAHARA & SEARA

Houve quem procurasse traduzir *seara* através da expressão *sahara*, fundamentado: a) na paisagem; b) no clima; c) na aparência ortográfica.

Quanto à primeira hipótese, recordemos que os litorais do Ceará-Mirim e os do Ceará, sobretudo de Mucuripe até à barra do rio Ceará, eram constituídos de dunas eólicas, instáveis, sobre lençol também arenoso formando ondinas, aparentemente idênticas às *barcanas* do deserto do *sahara*. Compreenda-se, porém, que o português não apelidaria de *sahara* a esses sítios uma vez que a paisagem desértica, conhecida na África como *erg*, ou areia, compreendia, a exemplo de hoje, todo o Nordeste. A hipótese seria aceitável se o Ceará-Mirim e o Mucuripe ressaltassem, naquela época, como manchas e só manchas arenosas em litoral de contínuo revestido de floresta.

Quanto ao clima, repare-se o Sahara ocupando espaço de cento e trinta e dois graus de longitude, com temperatura oscilando entre 50° a 60° centígrados, em zona tórrida ou tropical. Ora, o clima do Ceará, segundo a classificação de Koppen, corresponde, do rio Camuim até Guamoré, à zona subtropical, e dêste ponto até o Rio de

Janeiro, à tropical. Ademais disso, a temperatura nestes dois Estados, difere muito da do Sahara, variando de 26° a 27°, com pluviosidade anual mínima de 600 mm e máxima de 1 500 para o Ceará. No deserto africano, cuja área, hoje, é calculada em 7 500 000 km², as chuvas são inferiores a 100 mm.

Em conclusão, quer sob o aspecto paisagístico, quer sob o climático, não existe nada que faça lembrar um deserto saareano naqueles dois setores nordestinos, e especialmente quanto à grafia SEARA, que, em substância difere da designação árabe SSAHHARA, simplificada depois em Sahara e Saara.

VI — SEARA, EM DOCUMENTOS CASTELHANOS

Tudo indica que o termo *seara* era conhecido na Espanha, em comêço do século XVII. A grafia encontra-se, por exemplo, nos Autos do inquérito — texto castelhano — da arribada de Martim Soares Moreno, à ilha de San Domingo, de 1612 a 1613. E a prova de que se conhecia o exato sentido do vocábulo controvertido, está em que, na tradução para o castelhano de um pedido de Martim Soares, respeitou-se a acentuação tônica — *Seará*, e, do mesmo modo quanto à *Provisão* de Jerônimo de Albuquerque: — *población de Seará*. Naturalmente, era assim que pronunciavam e escreviam êstes dois militares. Em suma, guardadas as grafias em epígrafe, tôdas as outras, decorrentes do escrivão público Adriano Heraso ou Herasso, obedecem à forma paroxítona:

<i>Población de Seara</i>	5 vêzes
<i>fuerza de Seara</i>	2 vêzes
<i>gobierno de Seara</i>	1 vez
<i>gente de Seara</i>	1 vez
<i>puerto de Seara</i>	2 vêzes

VII — SIGNIFICADO DA PALAVRA “SEARA”

Sem mínima dúvida, a modulação ortográfica em epígrafe, escapa aos idiomas tupi e tapuío:

a) apareceu no Rio Grande do Norte, e sòmente nessa capitania, em princípio do século XVII, após a Conquista de Manoel Mascarenhas Homem;

b) foi trasladada, já corrompida, para a capitania cearense, em data ignorada, talvez em 1603 ou 1607;

c) desconhece-a a cartografia quinhentista, abundante de topônimos nativos (13);

d) não consta no *Roteiro Geral*, de Gabriel Soares de Sousa;

e) surge na cartografia seiscentista, com as iniciais *c* e *s*, respectivamente, mas sem sinal diacrítico, portanto paroxítona.

Ora entre os colonos do Rio Grande do Norte, de 1602 a 1614, pronunciava-se — *Seara*. No auto de repartição das terras, já examinado, tanto a várzea como o rio respondem por esta ortografia. Nesse caso, não sendo ela tupi nem tapuia, só pode ser portuguesa.

Todos sabemos que *seara*, significa, “campo de cereais”, ou “terreno semeado”, ou, ainda, “campo cultivado”. Sabe-se, também, que as “datas” de sesmaria concedidas na costa do atual município cearamirinense, eram tidas, em 1614, como de pouco ou nenhum valor — *várzea de seara* — portanto, unicamente prestando para lavoura de subsistência, pasto e criações. E, como vimos no relatório do engenheiro Júlio de Melo Rezende, sobre o rio Ceará-Mirim, as várzeas laterais ao canal desembocando no Atlântico, em 1927, eram estéreis, compostas de mangue e de bosque, justamente o *prado salgado*, dos colonos seiscentistas. Demais a mais, restavam, ainda, os tratos alagados pelo rio durante as enchentes, e, por isso mesmo, impróprios à agricultura. Veja-se, por exemplo, este tópico da “data” dos padres da *Companhia de Jesus*, n.º 102:

... “Muitas destas datas dos padres são de *terra inútil e de nenhum proveito*, e quando muito servem para *pastos e mantimentos*. São *várzea de Seara* que cai dentro.”

Apreciando friamente o problema, *várzea de seara* quer dizer, na sua tradução clássica “terra apropriada a cereais”. Esta, entretanto, não tinha valor excepcional porque o colono dava preferência às terras fartas em madeira de lei. Sobretudo, se eram capazes de engenhos-de-açúcar, de “trapiche” ou movidos à água. Depois disso, a agricultura de subsistência não bastava aos interesses econômicos individuais.

Falar, conseqüentemente, em *várzea de Seara*, equivalia dizer “de agricultura de mantimento”. E foi, sem dúvida, com tal sentido depreciativo — terra pobre, servindo apenas para cereais e criações, que o topônimo — *Seara*, passou a nomear, já deturpado, o *ecúmene* cearense, provavelmente a partir de 1608, com relação à várzea e o pôrto: morros arenosos, terreno raso, com mangue, porém se desdobrando lateralmente em chãos silcosos, apropriados ao plantio de mandioca, milho, batatas e feijão, e com manchas de gramíneas herbáceas — o *prado salgado*, favorável a criações eqüina e vacum.

Dáí, aquela frase de Francisco de Brito Freire, em 1675, referindo a capitania de Martim Soares Moreno: “E é o *Seará* indigno de se contar entre as chamadas Capitanias da Nova Lusitânia. Mereceu este nome pela distância larguíssima da *terra inculta*, que compreende já no distrito do Maranhão.” (14) Em outros termos, *Seará*, no

sentido de extensão inculta, sem préstimo para engenho-de-açúcar, riqueza da época; (15) e, já no distrito maranhense, (16) porque pertencencia à jurisdição do Maranhão.

Em última análise, o termo *Seará*, utilizado por Brito Freire, traduz-se por "lugar onde existe terra de seara, conforme a regra gramatical. As modulações *Ceará* e *Ciará*, ou ainda *Siara*, são erros de grafia e vício de linguagem. Conseqüentemente, a denominação exata do Estado cearense é *Seará*, e a de sua capital, que não tem nome próprio, — *cidade da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção*.

NOTAS

(1) Melo Rezende, Júlio de — "O Problema do Ceará-Mirim", *Rev. do Inst. Hist. Geog. do Rio Grande do Norte*, 241 XXIII/XXIV.

(2) Subindo o rio. Modernizamos o estilo e a virgulação, grifando, também, os nomes próprios e algumas palavras significativas. Os topônimos nativos, deturpados, conservam suas grafias originais, tais como constam no *livro antigo* das "datas" de sesmaria, revisto, em 1614, pelas autoridades de Pernambuco. Cf. o *Auto* ou *Treslado*, dado à luz da publicidade pelo erudito Dr. Barão de Studart.

(3) As léguas de Soares, com relação à costa potiguar, são incertas, ou dadas por simples estimativa, mas facilmente retificáveis por intermédio dos principais acidentes geográficos assinalados no *Roteiro*.

(4) Sousa, Gabriel Soares de — *Derrotero de la Costa del Brasil y Memorial de las Grandezas da Bahia*. Publicado por Cláudio Gánnis. Ediciones Cultura Hispanica. Madri, 1958.

(5) Fr. Mariano da Conceição Veloso, escreve: *Paquipe*, talvez erro tipográfico.

(6) Cf. a *Relação das cousas do Rio Grande, do sítio e disposição da terra*, de 1607, em Serafim Leite, S. J., *História da Companhia de Jesus no Brasil*.

(7) Cf. doc. sobre a viagem de Francisco Pinto e Luís Figueira ao Ceará, de 1608. Cópia fotográfica dada pelos jesuítas do Limburgo Holandês por determinação do Geral da Ordem em Roma. (Studart)

(8) Studart, Barão de — *Geografia do Ceará*, p. 187.

(9) O vocábulo, além de corrompido, aparece, às vezes, em diferentes lugares, na cartografia holandesa. Em Matth. Souterum, 1629-1630, grafa-se *Zinamini*, ou Ceará-Mirim, povoado, e *R. Siara* e *P. Siara*. Na carta de Nicolas Ianfz Visscher, 1635, — *R. Siara*. Mas de João Teixeira, 1642, 1626 e 1642 o Ceará-Mirim (rio) vai escrito assim: *R. Cenera*, *Comaputameri*, e *R. Pena Potumari*. O primeiro — *cenera*, é corrupção de *seara*; os dois últimos, nada têm a ver com o rio histórico, embora estejam, no mapa, referindo um grande caudal, em sítio onde hoje corre o Ceará-Mirim. Entretanto, o termo *Comaputameri*, depois de traduzido, confirma o equívoco do cartógrafo, unificando dois lugares distintos: *coma*, é o mesmo que *cenera*, que quer dizer *seara*, e *pena*. Palavras, conseqüentemente, inventadas. E, por último, *putameri*, ou ainda, *potumari*, deturpações de nome híbrido — Pôrto-Mirim, lugarejo ao norte do rio Ceará-Mirim, onde morou o cacique Jacaúna, uma aldeia silvícola. Como se aprecia, não falta aqui, com relação a estes vocábulos corrotos, ótimo material à imagi-

nação dos pseudos tupinólogos: *cenera*, *pena* e *putameri*, ou *potumari*, aparentemente típicos, como *ceará* e *ciará*...

(10) Inclusive *searaa*, cuja última letra vale por sinal tônico, como por exemplo, em *preaa* (preá), *siaraa* (Siará), *gram paraa* (Grã Pará) e *cumaa*, ou Cumá e também Cumã.

(11) O autor acreditava que *Seara* procederia de *Sahara*, o deserto africano.

(12) Possivelmente, existiram riachos *verdes*, como por exemplo, o pseudo rio *Huobú* no município cearamirinense talvez forma corruta de *y-oby*, água verde, mas típico e não cariri, conforme a "data" de terra n.º 106. Mas, quem garante que *huobú* não seja termo desfigurado, isto é, procedente de outro inteiramente oposto ao sentido de "rio verde"?

(13) Sobre topônimos quinhentistas, temos, pronto para o prelo, a *Costa Setentrional do Brasil na Cartografia Vetustíssima*, 1500 a 1574, acompanhado de mapas e croquis elucidativos. Em trinta e quatro cartas marítimas estudadas, não encontramos o nome *Seara*.

(14) Freire, Brito — *Nova Lusitânia, História Brasilica*. Livro X, 422/423. Lisboa. 1675.

(15) Matias de Albuquerque, em *relatório sobre as Capitâneas do Brasil e do que contém, redem e despedem*, dirigido, em 1628, ao Conde Duque de Olivares, ministro de Filipe IV, descreve a situação em poucas palavras: "*Ruim porto e baixo a terra sem prestimo p.^a engenho de assucar*". Convém lembrar que a topografia da hoje chamada *Barra do Ceará*, identificava-se com a do Ceará-Mirim, somente no que respeita às terras marinhas. O vale do Ceará-Mirim, distante da costa, diverge inteiramente daquela, dada a fertilidade de suas terras, ricas em elementos nutritivos, ou, como se diz hoje, *terra vegetal*, entrecortada de arroios e nascentes, onde vicejam canaviais e repontam dezenas de engenhos-de-açúcar.

(16) A data da passagem da capitania cearense à jurisdição de Pernambuco não é assunto liquidado. Segundo a opinião de Araripe, ocorreu a transferência em 1655, e, consoante o Senador Pompeu, em 1679. Entende, porém, Cândido Mendes, que isso se deu em 1724.

Restabelecida, pois, a origem verdadeira do nome *Ceará*, vem, muito a propósito, à baila, o termo *Searo*. Com tal denominação foi fundada uma cidade na Espanha, pelos romanos, antes de Cristo, nas adjacências de Utréra, hoje Vila de Andaluzia, então pertencente à chancelaria de Sevilha, também fundada pelos romanos, com o nome de *Romula* ou *Colonia Romulensis*. Ali cunhou-se uma moeda, romana, denominada *Searo*. Parece-nos correlacionada com as atividades da lavoura, por conseguinte uma forma masculina de *Seara*, terra cultivada. *Searo* e *Seara* não são estranhos ao mito de *Ceres*, deusa da agricultura.